



O ensaio como dispositivo de escrita

The essay as a written dispositif

Keila Mara de Souza Araújo Maciel¹

Resumo: Este artigo propõe um estudo sobre o ensaio, forma textual que dialoga com a compreensão de dispositivo, de Michel Foucault. A partir desta aproximação, refletimos sobre a escrita ensaística, com maior atenção para os elementos estéticos, e para a relevância do caráter autoral do ensaio. Fatores que contribuem para o deslocamento do pensamento crítico-filosófico da ordem objetiva para a subjetiva.

Palavras-chave: ensaio, dispositivo, autoria, pensamento.

Abstract: This article proposes a study of the essay as a textual form that deals with the comprehension of dispositif by Michel Foucault. From this approach, we reflect on the essayistic writing, more focused on the aesthetic elements, and the relevance of authorial character of the essay. Contributing factors to the displacement of the critical-philosophical thought from the objective order the subjective one.

Keywords: test, device, authorship, thought.

A concepção de gênero textual prevê a definição de limites formais e traços bem marcados para o texto. O ensaio, no entanto, é identificado justamente pela ausência de contornos fixos. Mais adequado ao estudo sobre o ensaio é analisarmos o texto como uma composição volátil, que se configura a partir da ordenação do pensamento e não o contrário. O autor pressupõe ao ensaio abertura suficiente para abrigar suas habilidades de criação, cujo principal fundamento será ordenar sua reflexão pessoal, orquestrada linguisticamente por uma experiência estética, que reaproxima a atividade intelectual e o mundo. No ensaio há esse diálogo permanente entre o pensamento racional e os recursos estéticos, quando o ensaísta prioriza a qualidade da escrita, tanto no que se refere ao caráter estético, quanto na elaboração de um texto capaz de materializar uma visão autêntica sobre o tema, na qual estejam expostas as marcas de autoria, na voz individual. Portanto, mais adequado é tratarmos o ensaio como um dispositivo de escrita, pois o ensaísta dispõe-se a pensar a partir de suas experiências, numa postura afirmativa ao não hesitar em expor sua reflexão pessoal.

Devido à capacidade de se performar, o ensaio se aproxima da noção de dispositivo, pensada por Michel Foucault. Embora o filósofo não tenha elaborado uma

¹ Doutoranda em Letras – área de concentração Literatura, pela Universidade Federal do Espírito Santo.

definição de dispositivo em seus livros, tendo apenas utilizado o termo para referir-se aos conjuntos de forças que englobam temas como a história da sexualidade e os parâmetros do controle e segurança, em uma entrevista de 1977, Foucault faz um esboço das funções metodológicas do dispositivo:

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1977, p. 1)

Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. (FOUCAULT, 1977, p. 1)

Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. (FOUCAULT, 1977, p. 1)

Estas declarações de Michel Foucault sinalizam para muitos pontos de encontro entre o dispositivo e o texto ensaístico, a começar pelo primeiro aspecto de descrição do exposto na entrevista acima citada, quando Foucault se refere à rede dialógica composta em torno do dispositivo. O ensaio compartilha desta função, pois seu campo de abrangência, pelo qual transita, funciona como rede que inter-relaciona as diversas áreas do conhecimento, instituições e meios de produção de cultura. A heterogeneidade do discurso ensaístico constrói um fluxo permanente entre esses elementos, podendo

fortalecer as “forças” hegemônicas, mas também é capaz de atuar dentro de um campo discursivo e “funcionar como reinterpretação” das práticas condicionadas às demarcações de programas institucionais, e compor um “novo campo de racionalidade”. Foi diante do crescente apelo pela obediência aos moldes clássicos, ao qual o pensamento renascentista estava submetido, que emerge a escrita ensaística de Michel de Montaigne, com os *Essais*, publicados em 1580. Esta obra representa uma forte ofensiva contra a instrumentalização da filosofia, pois recobra o espaço primordial da reflexão pessoal, respondendo à urgência de religar o pensamento filosófico às apreensões das experiências vividas, e que enfatiza a necessidade de moderar o distanciamento entre os conceitos e o mundo. Não menos urgente que a função inicial desempenhada por Montaigne no século XVI, é o papel do ensaio contemporâneo, que se ramifica entre os espaços do conhecimento institucionalizado, pelas exigências das estruturas de padronização das instâncias editoriais e acadêmicas, e impulsiona mudanças de posição e funções do pensamento crítico.

Em outro momento, quando Michel Foucault reflete sobre os propósitos que fundamentaram o estudo desenvolvido em *História da sexualidade II - O uso dos prazeres*, o filósofo faz referência ao ensaio, a forma textual que faz parte da identidade de sua escrita.

O "ensaio" — que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação — é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma "ascese", um exercido de si, no pensamento. Os estudos que se seguem, assim como outros que anteriormente.

A noção de dispositivo aplicada ao estudo ensaístico, mais que trazer “certa maneira de dizer” (FOUCAULT, 2014, p. 30), pressupõe uma força criadora que impulsiona os ensaios críticos, como “mecanismo incitador e multiplicador” (FOUCAULT, 2014, p. 30), que está relacionada à autoria, à busca de espaços para os pensamentos que assumem voz. O encontro entre as marcas autorais e o espaço heterogêneo de estruturas e temas, favorece a adoção de uma postura afirmativa, no momento em que o ensaísta expõe sua reflexão pessoal em vez de recorrer a incessantes revisões teóricas, muitas vezes desgastadas pela circularidade das citações, releituras e combinações infinitas, a compor um mosaico do pensamento inerte, repetido em diversas formas.

O ensaio é também uma estética do pensar e de dizer, pois a linguagem não é desenvolvida sob uma perspectiva meramente instrumental, pois se desenvolve um trabalho experimental da linguagem, como forma de evidenciar a autenticidade das ideias, destacando o caráter subjetivo do pensamento. A estética do dizer, a forma de dizer, é o que caracteriza o ensaio desde o início de sua identificação como texto. “A forma sem fôrma” (NASCIMENTO, 2005, p. 61), que se mostra aberta à interação com outras operações da linguagem, como a narração, a poesia, o texto de análise crítica e o texto dramático. O ensaísta está constantemente preocupado com o modo de dizer, combinando-o com o que se diz. Sem a obrigação de se tornar um compêndio dialético que abarque teorias amplamente fomentadas, o ensaio oferece trânsito livre ao pensador, permitindo incluir ao pensamento filosófico ou crítico, a experiência criativa do autor e suas indagações pessoais. Dessa forma, o ensaísta institui-se como ser pensante e participativo intelectualmente.

O ensaio, enquanto forma de pensar e também enquanto estrutura textual, está em posição “limítrofe entre a literatura e a filosofia, embora pareça estar próxima do discurso filosófico” (NASCIMENTO, 2005, p. 55). Partindo desse entre-lugar discursivo, o ensaio questiona o limite dos gêneros de que parte: literatura, ciência, autobiografia, poesia, ou história. “Por sua vocação transgressora, jamais poderá haver definição unívoca, homogênea e estável do ensaio” (Idem, p. 61).

O ensaio seria o gênero em que literatura e filosofia se contemplam, se tocam, intercambiam elementos e funções, sem predominância exclusiva nem de uma nem de outra, possibilitando tanto uma perspectiva de terceiro gênero, quanto a de um redimensionamento dos discursos de partida. O ensaio pode configurar a tentativa de um diálogo mútuo entre a literatura e a filosofia na cultura ocidental (NASCIMENTO, 2005, p. 63).

A indefinição estrutural do ensaio, enquanto modelo de escrita, está presente desde sua significação etimológica. O termo ensaio deriva da palavra *exagium*, que, em latim, remete ao ato de pensar, tanto de maneira exata, como também em sentido de tentativa, experiência. O verbo ensaiar – relacionado ao sentido de “examinar”, experimentar uma forma de análise, por à prova um pensamento – relaciona-se, a partir do Renascimento, ao interesse pela construção do discurso a partir da observação e da experimentação (WEINBERG, 2006, p. 204). Então, se considerarmos o ensaio um

gênero que se caracteriza pela presença de uma voz pessoal, que se dispõe a refletir sobre o mundo, e que pretende transpor na linguagem sua visão própria, podemos dizer que há ocorrência do ensaísmo antes de Michel de Montaigne e os *Essais* (1580). Desde a Antiguidade algumas nuances do ensaio estão presentes nas obras dos pensadores, a exemplo da *Poética*, de Aristóteles, os *Diálogos*, de Platão, as *Meditações*, de Marco Aurélio e os escritos de Sêneca. Contudo, foi Montaigne o primeiro a conceituar o ensaio como organização textual do pensamento reflexivo (MOISÉS, 2012, p. 697). A partir de então, o ensaio passa a ser um gênero oposto ao modelo expositivo do tratado, pois não exige método científico de comprovação ou alinhamento sob as vias da revisão bibliográfica. Presente nas diversas esferas do conhecimento, o ensaio começa a ser escritos com inclinações que o levavam para âmbitos específicos como no âmbito dos ensaios literários, filosóficos, antropológicos e sociológicos.

Nesta procura por novos parâmetros para o meio intelectual, o ensaio oferece, especialmente à crítica literária, uma importante liberdade sistêmica, para que certa autonomia. Depois do movimento modernista, o ensaio passou a habitar livremente o meio literário, na composição ficcional ou poética das obras literárias, e também na atividade da crítica literária, oferecendo maior fluidez e flexibilidade em relação aos sistemas técnico-teóricos, desgastados, principalmente, após o desgaste dos métodos estruturalistas de meados do séculos XX, que já não eram suficientes para analisar os produtos estéticos da literatura, devido a sua limitação aos aspectos estruturais da escrita. O ensaio, então, com sua capacidade de promover o diálogos entre as diversas vertentes da intelectualidade, permite o intercâmbio entre os códigos e as esferas discursivas.

Este fluxo é permitido à crítica, devido ao fato de o ensaio assegurar, como foco primordial, a análise pessoal em formato adaptável, de modo a estar delineado na própria estrutura do texto. Assim, temos um ensaio “quando todo corpo textual transpira livre-exame” (MOISÉS, 2012, p. 601), entre outras características menos pontuais, que veremos com mais detalhes posteriormente. Sob o prisma do “auto-exercício da razão” o ensaio segue algumas premissas fundamentais: o auto-exercício das faculdades; a liberdade pessoal; o esforço constante pelo pensar original; abordar as experiências da vida; ser necessariamente crítico; e estruturar pensamento autêntico e renovado, em detrimento do intelectualismo dogmático dos sistemas teórico-científicos (MOISÉS, 2004, p. 146-147).

Eis o modo pelo qual Massaud Moisés define o ensaio

Breve no geral, o ensaio contém a discussão livre, pessoal, de um assunto qualquer: a liberdade é o seu clima e o seu alimento. O ensaísta não busca provar ou justificar as duas ideias, nem se preocupa com lastreá-las eruditivamente, nem, menos ainda, esgotar o tema escolhido; preocupa-o, fundamentalmente, desenvolver por escrito um raciocínio, uma intuição, a fim de verificar-lhe o possível acerto: redige como se buscasse ver na concretização verbal, em que medida é defensável o seu entendimento do problema em foco. Para saber se o pensamento que lhe habita a mente é original, estrutura o texto em que ele se mostra autêntico ou disparatado: escrevendo a pensar, ou pensando enquanto escreve, o ensaísta só pode avaliar a ideia que lhe povoa a inteligência no próprio ato de escrever. Escreve para divisar (melhor) o que pensa e para saber se pensa corretamente (MOISÉS, 2004, p. 147).

A tarefa de marcar no tempo a origem do ensaio desfaz-se também quando consideramos a capacidade que o ensaio tem de combinar-se com outros gêneros textuais, pois o princípio de abertura formal também está relacionado à sua diversidade de temas e aspirações enquanto texto de análise crítica, voltado principalmente à reflexão sobre a vida e a produção de cultura.

O ensaio constitui um auto-exercício do intelecto sobre matéria experimental – por isso mesmo que é auto exercício – tem de ser necessariamente crítico. A crítica é a antítese do obscurantismo e traduz o repúdio do sono dogmático. A crítica está para a razão como a marcha para o corpo. Este só se auto-exercita, andando, como a razão, criticando (LIMA, 1946, p. 63).

O ensaísta organiza seu pensamento em torno das representações culturais que vivencia e sob o viés artístico da linguagem, atribuindo valores estéticos à forma de sua escrita. “O ensaio jamais se dissocia da perfeição da forma”, principalmente quando ele pretende analisar uma obra de literatura, pois está sempre inclinado a priorizar “a beleza da expressão literária” (MOISÉS, 2004, p. 147). Assim o ensaísmo assegura a importância da inteligência individual, em detrimento das revisões teóricas já desgastadas

pela circularidade das citações, releituras e combinações infinitas, a compor um mosaico do pensamento inerte, repetido em diversas formas. “A sua tarefa não consiste em repisar os caminhos trilhados, mas em trilhar novos caminhos, e testar novas soluções” (MOISÉS, 2012, p. 613). O ensaio, então, contribui para a renovação do pensamento crítico, porque não impõe regras limitadoras, tanto no que se refere à forma, quanto a exigências relacionadas aos métodos teóricos de comprovação. O ensaio não responde a todas as perguntas, ele lança sobre o tema um olhar provocador, e ao construir uma reflexão possível até então, não encerrada a discussão, e assim cria novos desafios para o leitor, pois os ensaios pedem continuidade. “Um ensaio é uma tentativa de incitar os outros a refletirem, de levá-los a escrever complementos” (FLUSSER, 2010, p. 178). Esta abertura à criação, essencial ao ensaio, é o elemento fundador de sua forma moldável e heterogênea, pois a ordenação do texto, sua estrutura, se constrói juntamente com a evolução do raciocínio que se transpõe ao texto.

Inverso aos dogmas, o ensaio é liberal por excelência; recusa as soluções aceitas como a priori ou comandadas por doutrinas infalíveis, universais e rígidas; não se compadece com as postulações definitivas e perenes; o seu campo de ação é o livre pensamento, sujeito a contínuo reexame, aberto a novos “ensaios”, não à procura de uma verdade capaz de tornar-se axioma ou artigo de fé religiosa, científica, política, filosófica (o que seria negar-se como ensaio), mas de funcionar como etapa de uma busca que constitui a própria natureza e a de todo saber que se pretenda convincente (MOISÉS, 2012, p. 613).

A pesquisadora argentina, Liliana Weinberg, uma das maiores especialistas em ensaísmo da atualidade, explica, no livro *Situación del ensayo* (2006), que o ensaísta é, antes de tudo, um leitor eficiente, pois a partir de sua atividade de leitura e escrita passa a compor a ampliar um horizonte geral de compreensão que envolve a cultura de escrita literária.

[...] podemos pensar el ensayista como um lector que completa y consume sus propios actos de lectura al producir él mismo outro texto. Es el caso extremo del proceso de la recepción: el lector se convierte a sua vez em autor. Em este caso, a su vez, este lector-

autor inscribe su texto y repiensa sus lecturas nada menos que en el horizonte de um orden literario (WEINBERG, 2006, p. 55).

O ensaio prevê um jogo associativo entre autor, o texto, e o leitor, no qual o movimento do texto acompanha e reforça a interpretação do ensaísta sobre determinado tema, ao mesmo tempo em que pressupõe-se um leitor capaz de entender os elementos associativos e culturais que fizeram parte da composição discursiva do texto. A leitura de um ensaio estabelece um diálogo com cada leitor em particular, esse leitor também está inserido em uma ampla comunidade hermeneutica, composta por leitores e experiências de leituras, que de forma não especializada se relaciona ao estudo da literatura, das ciências sociais, da filosofia e das artes. O ensaio também se insere em comunidades interpretativas particulares, voltadas para áreas específicas do conhecimento (WEINBERG, 2006, p. 54). Contudo, a flexibilidade das linhas dialógicas do ensaio, podem ser capazes de romper com as fronteiras da especialização, pois sua estrutura não obedece a contornos rígidos de sistemas teóricos. Assim as redes dialógicas do ensaio não delimitam, mas ampliam o alcance da interrelação de ideias.

Desta forma, a potencialidade dialógica faz do ensaio um agente de enunciação capaz de partilhar o conhecimento crítico-racional com o mundo, fazendo crescer e se desenvolver uma comunidade leitora diversificada, com habilidade de interpretação e criação crítica.

El ensayo es, como se dijo, uma de las formas más enfáticamente “sociables”, em quanto precisa de la participación de autor y lector en el acto de lectura y discusión para completar su sentido: éste es, insistimos, uno de los vértices necesarios del proceso interpretativo que despliega. [...] El ensayo permite así descubrir los procesos de configuración, apertura, crisis, transformación de las tradiciones y discusiones que se alberga em um campo intelectual y literario específicos y poner em escena los elementos de tensión y acuerdo que deciden em cada momento histórico la posibilidad de su autonomía relativa respecto de otras órbitas del quehacer social. El ensayo logra también traducir simbólicamente, internalizar y configurar artísticamente las discusiones que se dan em el seno de las formaciones culturales y de las redes de debate intelectual (WEINBERG, 2006, p. 119).

O ensaio une o vigor do pensamento (numa composição que circunda o artístico) e a postura de responsabilidade ética, quando se afirma a voz individual do ensaísta, apresentando à sociedade a sua visão sobre algum aspecto da vida. O ensaio é, fundamentalmente, uma prática de afirmação autoral, pois mesmo em meio a uma variedade infinita de câmbios e inter-relações, as marcas de autoria continuam presentes, como fator indispensável. “Poucas manifestações literárias implicam, como o ensaio, o temperamento ou o caráter do escritor: à serenidade se acrescentam outros atributos ou faculdades indispensáveis ao desempenho satisfatório da arte, ou técnica, do ensaio” (MOISÉS, 2012, p. 607).

No ensaísmo importa saber quem diz. Afinal o autor do ensaio emite sua visão sobre o mundo, ao mesmo tempo em que, o texto ensaístico diz muito sobre o autor. A escrita traz questões geradas a partir de relações íntimas do autor com o mundo. Sua voz pessoal transmite o seu esforço em tentar compreender o mundo por meio da própria atividade mental, e sua capacidade de organizar as ideias, traduzidas na escrita. Assim, a língua, e os recursos cognitivos e estéticos, é o enlace entre o individual, o social, o coletivo e o universal.

Bibliografia

FOUCAULT, Michel. “Le jeu de Michel Foucault”. Entrevista concedida a D. Colas, A. Grosrichard, G. Le Gaufey, j. Livi, G. Miller, j. Miller, j.-A. Miller, C. Milliot, G. Wajeman, e publicada primeiramente em *Ornicar? BulleUn periodique du champ freudien* [n.l 0, julho de 1977. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/81007/mod_resource/content/1/TC%20Sobre%20a%20hist%C3%B3ria%20da%20sexualidade.pdf. Acesso em 20/03/2016.

_____. **História da Sexualidade: Vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2014.

_____. **História da Sexualidade I: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: Vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2014.

FLUSSER, Vilém. **A escrita – Há futuro para a escrita?** Tradução de Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

LIMA, Silvio. **Essência do Ensaio**. São Paulo: Editora Saraiva, 1946.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 2012.

MONTAIGNE, M. **Ensaio**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

NASCIMENTO, Evando. **Literatura e filosofia: diálogos**. Juiz de Fora: EdUFJF/ São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

WEINBERG, Liliane. **Situación del ensayo**. Ciudad Universitaria: Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos. Universidad Nacional Autónoma de México. México, 2006.